



## LIÇÕES QUE VÊM DOS OUTROS

Um produtor caminhava cabisbaixo, desanimado, triste, desencantado com a atividade leiteira. Murmurava, reclamava e esbravejava. Tudo estava ruim, nada prestava, e ele pensava em desistir. Era a própria imagem da derrota e da amargura. Em seu encontro vinha um produtor de batatas. Os dois se conheciam. Cumprimentaram-se, e produtor de leite despejou seus ressentimentos.

— Não aguento mais bancar a adubação de minhas pastagens, é muito cara.

O produtor de batatas se assustou e imaginou o quanto de adubo seu companheiro estaria jogando. Conversaram um pouco, e o bataticultor concluiu que o que era aplicado nos pastos não chegava a 10% do que jogava no batatal. O de leite se espantou, deu um sorriso e constatou que a adubação dos piquetes não era tanta assim. Existia coisa pior.

Continuou andando e reclamando, agora, do trabalho que dava cuidar das vacas leiteiras e encontrou, vindo no sentido contrário, um produtor de tomates. Os dois se conheciam. Cumprimentaram-se, e o produtor de leite despejou seus ressentimentos.

— Não aguento mais, é muito trabalho...

O produtor de tomate se assustou. Conversaram um pouco, e o agricultor concluiu que o serviço que as vacas davam não chegava aos pés da dor de cabeça que era cuidar de um tomatal. O de leite, após o relato do produtor de tomates, se convenceu de que as vacas não davam tanto trabalho assim. Existia coisa pior.

Continuou andando e reclamando, agora, da dificuldade de lidar com a mão de obra, e encontrou, vindo no sentido contrário, um produtor de feijão. Os dois se conheciam. Cumprimenta-

ram-se, e o produtor de leite despejou seus ressentimentos.

— Não aguento mais, é muita chateação...

E o produtor de feijão se assustou. Conversaram um pouco e o produtor de feijão concluiu que a dor de cabeça que a mão de obra do leite dava não chegava nem perto do tormento que era lidar com a colheita de 150 ha de feijão e 380 pessoas contratadas, que só queriam saber de receber o dinheiro do dia, não se importando se não houve a colheita devido às chuvas. O produtor de leite viu que lidar com dois ou três empregados não era nada, perto do que o produtor de feijão relatara. Existia coisa pior.

Continuou andando e reclamando, agora, da comercialização do leite, que os produtores ficavam nas mãos dos laticínios e encontrou, vindo no sentido contrário, um produtor de mangas. Os dois se conheciam. Cumprimentaram-se, e o produtor de leite despejou seus ressentimentos. O de manga pensou ter encontrado algo mais complicado, mas viu que não era bem assim.

Ele riu das dificuldades alegadas pelo leiteiro e falou que não sabia o que era um comércio selvagem. Estar com um produto pronto para venda, combinar o preço por telefone com o comprador hoje à tarde, e na hora em que seu caminhão encosta na plataforma do entreposto, na manhã seguinte, o sujeito avisar que não queria mais a carga porque muitas mangas haviam chegado durante a madrugada e eles estavam abarrotados. Solução, voltar para casa, pagar o frete, descarregar todas

as mangas no terreiro e ver seu dinheiro apodrecer. O leiteiro viu que o comércio de leite tem problemas, mas não era tão cruel assim. Existia coisa pior.

Continuou andando e reclamando, agora, da instabilidade dos preços, que chegam a oscilar até 50% no ano, e encontrou, vindo no sentido contrário, um produtor de limão. Os dois se conheciam. Cumprimentaram-se, e

o de leite despejou seus ressentimentos. O de limão riu do problema e disse que, no caso dele, a oscilação de preços era de 200 a 300% em 15 dias e que se ele não soubesse vender na hora certa, quebrava. O leiteiro viu que a oscilação de preços ocorria em todas as atividades agropecuárias e que a do leite não era tão grave assim. Existia coisa pior.

Continuou andando e reclamando, agora, da morte, vez por outra, de uma vaca, e encontrou um produtor de café. Os dois se conheciam. Cumprimentaram-se, e produtor de leite despejou seus ressentimentos. O cafeicultor lhe disse que perdera toda uma safra devido a uma chuva de pedras, dias antes da colheita. A perda de uma ou duas vacas pode ser reposta, mas a perda de uma safra de café quebra o produtor. O leiteiro percebeu que a perda de um ou outro animal não era tão grave assim. Existia coisa pior.

Continuou andando e reclamando, agora, do prejuízo que amargara com o leite, e que teria de vender algumas vacas para cobrir o rombo, e encontrou um produtor de milho. Os dois se conheciam. Cumprimentaram-se, e o produtor de leite despejou seus

ressentimentos. O de milho lhe disse que, certa vez, devido ao baixo preço do produto, teve de vender a colheitadeira, o trator e seus implementos, além de parte da propriedade, para saldar os compromissos assumidos. O leiteiro notou que o prejuízo na atividade leiteira pode ser coberto com menos sacrifício. Existia coisa pior.

Continuou andando e reclamando, agora, da falta de dinheiro, e encontrou um produtor de soja. Os dois se conheciam. Cumprimentaram-se, e o produtor de leite despejou seus ressentimentos. O sojicultor lhe disse que isso não era problema, pois a vaca, em muitos casos, se valoriza com o tempo, e além do mais, existem as crias. Afirmou que ao comprar uma colheitadeira por muitos reais, no mês seguinte ela estaria valendo perto da metade do preço. O leiteiro verificou que a desvalorização do patrimônio do agricultor é um fato e que no caso dele, a vaca, pode até mesmo sofrer um processo de valorização. Existia coisa pior.

Continuou andando, andando... Não encontrou mais ninguém. A estrada agora se mostrava vazia, ou melhor, cheia de interrogações, de reflexões... Todas, suas! Afinal, estaria ele sendo verdadeiro em suas queixas? Estaria a ele faltando a coragem que sobrava em seus amigos para enfrentar as adversidades da vida no campo? Estaria ele empregando toda a força que detinha para reverter os indicadores de uma atividade de que tanto gostava? Na busca por respostas, parou para pensar melhor. Precisava de alguns instantes de solidão. Mas não deu sorte. Um tucano, de cores vivas e bico enorme, logo pousou numa cerca próxima. Intrigado, passou a atentar para aquele homem em crise. Queria chamar sua atenção, mas o produtor se esquivou, olhou a ave com indiferença. Temia que também o tucano fosse falar das dificuldades para viver ali naquele lugar. ■

Artur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo, membro do Conselho Editorial de **Balde Branco** e pesquisador da **Embrapa Pecuária Sudeste**; e-mail: artur@cnpse.embrapa.br.